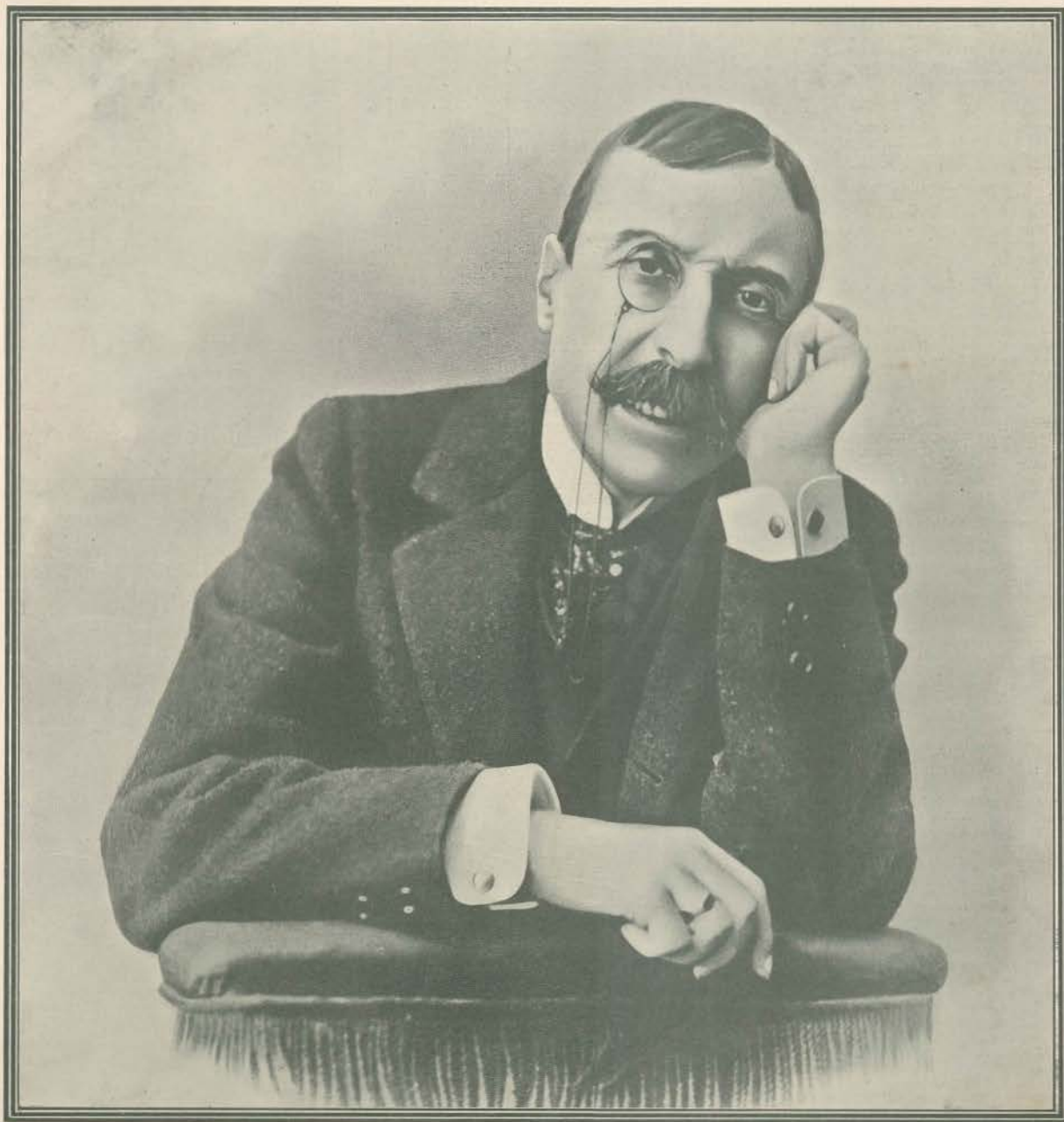
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43 —*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 1903* | *NUMERO 2*

EÇA DE QUEIROZ

CHRONICA

A gente do Eça

No primeiro dia da semana, os amigos d'Eça de Queiroz foram inaugurar o monumento, n'uma romagem de saudade e de justiça, pela tarde parda, levemente abafada de novembro.

E esse busto forte, de um cunho esmagador, onde ha uma nota intensa e onde ha uma psychologia a revelar-se nos tics nervosos das faces, nas rugas sinuosas da testa, foi entregue á Verdade e foi entregue ao municipio: á Verdade de seios turgidos e que, meia pudica no veu diaphano da phantasia, se quartela, com os labios para os labios d'elle, com os olhos para os seus olhos, de braços abertos, n'um arroubo, a prometter-lhe a alma religiosamente guardada na sua carne, que parece viver, um poucochinho espiritual, um poucochinho gaiata; ao municipio, que no final do seu consulado fará vinte sessões para ajardinar o largo do Quintella e outras tantas para mandar pintar a barra de ferro que orla o recinto.

Isso mesmo me deu a entender o sr. conde de Gouvarinho, que está na opposição, quando viu chegar o sr. conde de Ribamar cofiando o bigode grisalho, solemne, com os seus oculos de ouro e com os seus conhecimentos de Historia e de Politica. O conselheiro Accacio descobriu ante elle a calva luzidia, vasta e polida, um poucochinho amolgada no alto, e exclamou, de mão espalmada:

«Manifestações d'esta natureza honram quem deu licença para ellas se fazerem, honram quem a ellas assiste.»

A custo, o sr. conselheiro Accacio conteve um viva ao ministerio no seu lenço de seda da India, onde o abafou com um espirro, ao mesmo tempo que exclamava:

—Grande talento! Grande talento! Não se póde dizer que tivesse aquelle estylo do nosso Herculano, ou do nosso Garrett, mas... Viva o ministerio!

Emfim, Accacio, ligeiramente córado, mais alliviadinho, serenou.

*

E os amigos do grande escriptor, bellos espiritos, como o d'elle, almas que o amaram, homens de vasta illustração, artistas que o estremeceram e que o respeitaram, deviam evocar a galeria das suas figuras —*A gente do Eça*—que ali estava a manifestar-se, burocratica e em pose, com o Gouvarinho e com o Ribamar.

N'um angulo, ao lado do primo Basilio, que trazia luvas *gris perle* e um côco novo de chapelaria londrina, estava o padre Amaro a cubiçar os braços tenros da figura, recordando os da Ameliasinha, emquanto o outro se lembrava da Luiza, ao vel-a assim n'um arrepio e ao mesmo tempo ao sentil-a fria no seu marmore como uma linda mulher insensivel na pedra.

E o Basilio lastimava em mente não ter trazido a Alphonsine, emquanto o visconde Reynaldo, n'um paletot largo, calçado de verniz em botas de presilhas marcadas pelo distico de um estabelecimento de *Regent Street*, torcia a venta e declarava:

—Shocking... O' Bazilio, estás um lamecha... Cousas portuguezas!... O' menino, não é feiasinha! Mas portugueza!... Ora levanta-lhe a tunica. Aposto que usa ligas de algodão! Vamos fazer as malas!

Ao lado, o Palma Cavallão teve um riso grosso ao sentir que s. ex.ª talvez preferisse as hespanholas, sentiu uma vaidadesinha e tomou um apontamento para a *Corneta do Diabo*.

O Thomaz de Alencar, de face escaveirada, todo calvo na frente, os anneis fôfos e romanticos da grenha secca surdindo de sob as abas do chapeu velho, declamava:

—O naturalismo d'essa estatua. Puf... Que cousa!...—e batendo no hombro do Carlos de Maia, que estava triste, disse-lhe:

—Meu rapaz... Por esta luz que nos alumia, antes queria outra cousa... Nada mais que um ramo de saudades, só, simples, symbolico... Anh? Que dizes, meu rapaz?...

Levou a mão á grenha e rosnou uns versos a Elvira. Por fim, acachapado, condescendente, disse:

—Emfim, tudo é arte!... Não vou achando feio o tal naturalismo... O' filho, tens ahi um charuto?!...

Assim foi decorrendo a cerimonia no resoar das phrases sentidas e de amizade, assim foi passando a hora em que os grandes amigos d'Eça de Queiroz inauguraram o monumento diante dos personagens que o grande escriptor creou, deante de todos elles, que ainda ali estavam com a mesma vida e com o mesmo cunho, eguaes e flagrantes: o Eusebiosinho, muito encolhido e com um furunculo, o Palma Cavallão de pança saliente e de lapis em punho, o chapeu para traz, na tarde suja d'esse começo de semana, tirando apontamentos.

O Basilio suspirou, tomou o braço ao visconde Reynaldo, mal fixou o conselheiro Accacio, que ia para elle de mão estendida, a clamar:

—V. ex.ª de volta...! Oh! E como vão essas Paris, essas Londres... Afastou-se desdenhoso e com o visconde para irem tomar um bock ao Central.

*

Por fim tudo debandou, quando o ultimo amigo do escriptor, repassado de tristeza e sentindo ao mesmo tempo um consolo diante d'essa obra de justiça, se foi a recordar um passado de camaradagem. Eça de Queiroz ficou-se, olhado pela Verdade, no seu manto transparente, ali a meio da rua, como a esfuranear as almas para as trasladar ao livro ironico, de face arrepanhada, esperando a sua primeira noite de gloria na praça publica, ali no largo do Quintella, onde por deshoras vagueiam vultos suspeitos e onde chegam os palavrões dos cocheiros, por onde passam os Basilios e os Reynaldos, após as perfidias, por onde passam os Amaros com os homens conhecedores da Historia e da Politica, condemnando a revolta.

Hão de parar por vezes em frente do monumento e um senhor de Ribamar exclamará:

—Vejam esta prosperidade!...

Lá em cima param as tipoias, passam lestos os americanos, inglezas de bandós lisos galgam a escada da Arcada de Londres, e de cima, do Camões, vem o zumbir da turba que procura pão, surgindo dos bairros do crime e do vicio.

Todos os dias, mulhersinhas magrisellas, cahidas, de peitos achatados, tossicando, olheirentas, com crianças pela mão, uns petizes famelicos, de olhos pisados, hão de passar diante da estatua para a Assistencia Nacional.

O senhor conde de Ribamar ha de repisar:

—Vejam que prosperidade!...

Eça de Queiroz, como outr'ora o João da Ega, assestando o monoculo, dirá ao vel-os buscando salvação:

—Já não merece a pena correr na vida!...

Ali ficará para sempre o supremo artista, vendo a obra forte de verdade nas miserias da rua, sob o manto diaphano das prosperidades, que são a phantasia; ali ficará ironico e critico como em vida.

E um dia o conselheiro Accacio ha de escrever o seu panegyrico, com a mira na gran cruz de S. Thiago, e quem sabe se com a ambição justa de uma cadeira na Academia.

ROCHA MARTINS.

A ACTRIZ ITALIA VITALIANI
DA TOURNÉE CARLOS DUSE E QUE REPRESENTOU NO THEATRO DA TRINDADE AS PEÇAS «DAMA DAS CAMELIAS» «TOSCA» E «MAGDA»

QUELIMANE—MULHERES NEGRAS N'UMA CONDUCÇÃO

QUELIMANE—A CONTINUAÇÃO DA RUA DE S. DOMINGOS

A DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS NO INSTITUTO D. AFFONSO, CREADO PARA INTERNATO DAS FILHAS DOS OFFICIAES FALLECIDOS

S. M. A RAINHA SENHORA D. MARIA PIA, COM SUA ALTEZA O SENHOR INFANTE D. AFFONSO, PROTECTOR DO INSTITUTO, PREMIANDO AS ALUMNAS MAIS CLASSIFICADAS NOS EXAMES DO ANNO ANTERIOR, NA ULTIMA SESSÃO EM 1 DE NOVEMBRO

INAUGURAÇAO DO MONUMENTO A EÇA DE QUEIROZ, REALISADA EM 9 DE NOVEMBRO NO LARGO DO QUINTELLA. — RAMALHO ORTIGÃO LENDO O SEU DISCURSO

CONDE D'ARNOSO

LUIZ DE MAGALHÃES

ANTONIO CANDIDO

TEIXEIRA LOPES, O AUCTOR DA ESTATUA

RAMALHO ORTIGÃO

ANNIBAL SOARES
Quintanista de direito que representou
a academia de Coimbra

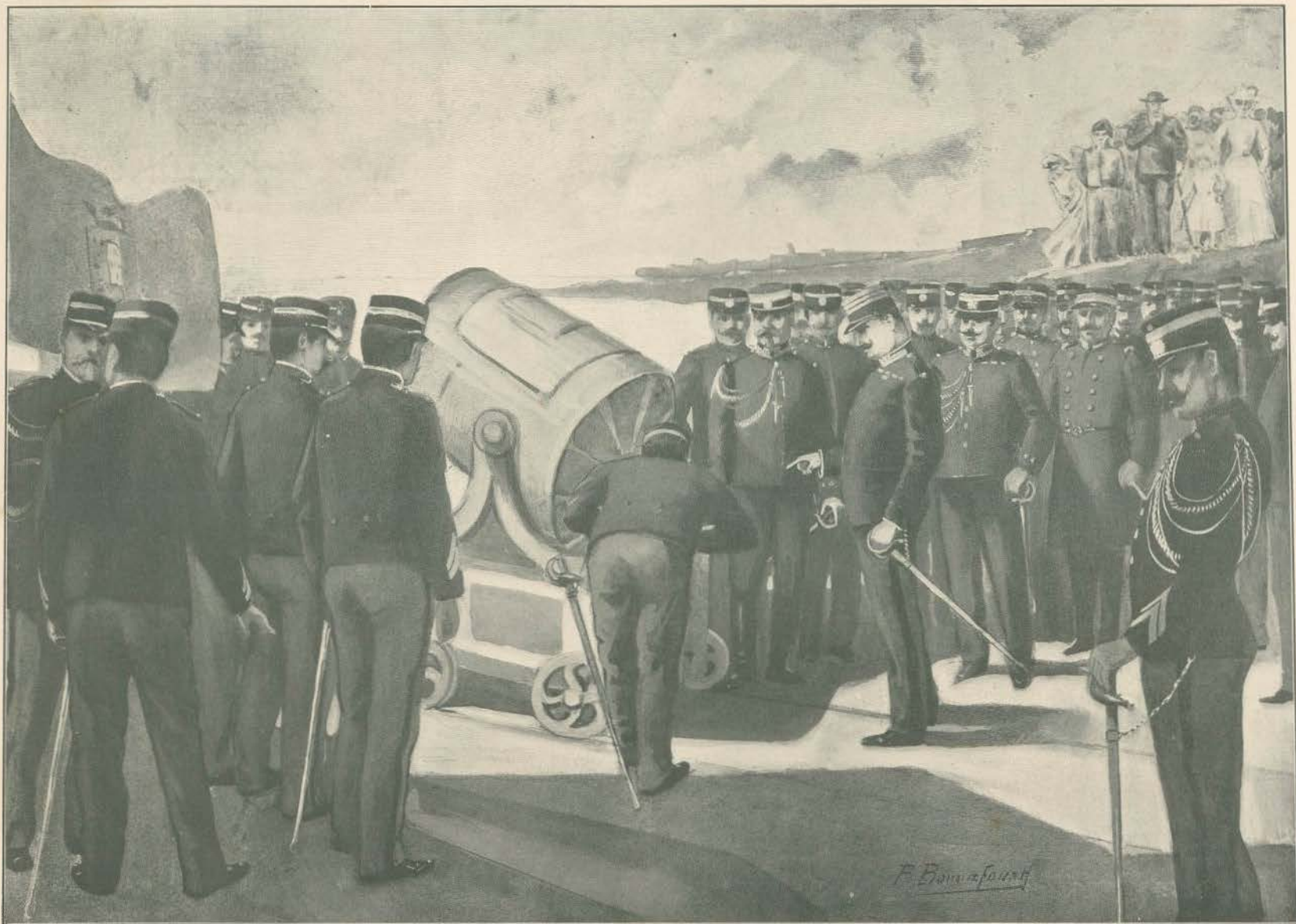
OS VENCIDOS DA VIDA

O CELEBRE GRUPO DE QUE EÇA DE QUEIROZ FAZIA PARTE

1.º RAMALHO ORTIGÃO—2.º EÇA DE QUEIROZ—3.º CONDE DE FICALHO—4.º ANTONIO CANDIDO—5.º CONDE DE SABUGOSA—6.º CARLOS MAYER
7.º CARLOS LOBO D'AVILA—8.º OLIVEIRA MARTINS—9.º MARQUEZ DE SOVERAL—10.º GUERRA JUNQUEIRO—11.º CONDE D'ARNOSO

CONDE D'AVILA
Presidente da commissão municipal,
que recebeu o monumento
em nome da cidade

ALBERTO D'OLIVEIRA
Ministro de Portugal em Stockolmo
e auctor da poesia escripta em homenagem
a Eça de Queiroz

O ACTOR FERREIRA DA SILVA
Que recitou os versos de A. d'Oliveira

A INAUGURAÇÃO DA BATERIA D. MARIA PIA, NO FORTE DAS MAIAS, EM SANTO AMARO—NO PLANO CENTRAL DO FORTE—OS ASSISTENTES EM FRENTE D'UM OBUZ

A FESTA DE INAUGURAÇÃO DA ESCOLA-MONUMENTO D. LUIZ I EM CASCAES, NO DIA 8 DE NOVEMBRO

A FACHADA DO EDIFICIO NA AVENIDA VASCO DA GAMA.—A BANDA DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE CASCAES AGUARDANDO A CHEGADA DE SS. MM.—A SALA PRINCIPAL.—OS EX.mos SRS. JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO E MARQUEZ DE FRANCO, FUNDADORES DA ESCOLA, COM UM GRUPO DE CONVIDADOS

PHOTOGRAPHIA DE CAMACHO

SUA MAGESTADE A RAINHA SENHORA D. AMELIA

HABITAÇÕES ARTISTICAS

Digressões e visitas

A casa de Francisco de Magalhães Dominguez

A VITRINE DAS FAIANÇAS

Seguindo o nosso inquerito, devido á amabilidade de Francisco de Magalhães Dominguez visitámos a sua casa, um pouco adeante do Campo de Sant'Anna, na rua da Alameda, a caminho de Rilhafolles, a sinistra cidadella da intranquillidade e da morte.

Fica-nos defronte o hospital dos doidos, o portão gradeado da entrada, e mal os nossos olhos vão a evocar figuras doentias que o grande edificio acolhe, todos os evadidos do convivio e da alegria, impetuosos agitadores perorando para uma supposta multidão, dando-nos no marulho de vozes, que a nortada nos traz, a impressão nitida de uma catastrophe intra-muros da cidadella, logo o nosso camarada na digressão nos indica a moradia de Magalhães Dominguez, antigo solar, com a caracteristica capella, quinta contigua e arradores de propriedades, hoje quasi tudo dividido por verosimeis motivos de partilhas.

Na capella, que conserva ainda o seu aspecto exterior, o estuque, aberto a fogo, ainda intacto, está hoje uma mercearia, como se o periodo actual, cheio de insania e de audacia, outhorgasse direitos de facil industrialisação.

Fica apenas o palacete, com a larga portada aberta no muro, dando para uma cerca onde algumas arvores florescem no lugubre scenario de fins do outomno. A' esquerda, o vestibulo com tecto em abobada e altos rodapés de azulejo, proseguindo a linha de decoração pela escadaria acima e em todas as dependencias e salas. A primeira sala que visitámos foi a de jantar, no rez-do-chão, casa clara, com innumeras janellas, atravez das quaes surprehendemos tufos de trepadeiras, e mais para além, até á linha longinqua do horisonte, as ramarias da quinta, que a fieira burgueza dos predios lateralmente limita.

Magalhães Dominguez é, na serie psychologica, um requintado, um miniaturista de sensibilidade, deleitando-se com o pormenor, collecionando com uma rara paciencia de benedictino tudo o que ao seu espirito, finamente educado, compraz e interessa.

O mesmo *lambri* azulejado orna esta sala, fixando trechos rusticos: a [illegible]lhaa, a colheita dos fructos, as sestas, as pescas, em *rocaille* (Luiz XV).

N'uma cantareira suspensa na parede ha algumas salvas de prata, e em *etagères* lateraes faianças de Vianna do Castello, Rato, uma fonte da mesma procedencia e dois pratos de colorido vivo: Roma e Marselha.

Entre duas janellas, uma ampla *vitrine* envidraçada

A SALA DE JANTAR

encerra preciosidades em crystaes de Bohemia, copos Luiz XVI, duas garrafas Luiz XIII, galheteiros de Veneza, garrafas Luiz XVI, de vidro coalhado, um tinteiro azul de 1825. Sobre a mesma *vitrine* ha uma linda collecção de faianças: do Rato, da Bica do Sapato e de Vianna do Castello.

Magalhães Dominguez chama a nossa attenção para uma *suite* de frascos coloridos, de differentes procedencias, série rara em Portugal, mesmo nos colleccionadores do genero. Vemos ainda um buffete, um armario de vidros chinezes, e as curiosas cadeiras hollandezas, vulgares n'alguns quadros de Tenier, cadeiras que no nosso mercado teem erradamente a denominação de tripeça.

Em frente de um relogio antigo, de pesos, n'uma outra *etagère* ha: um gomil azul, outro polychromo — marca Rato — uma frasqueira, e novas faianças da Bica e do Porto.

Do Alemtejo trouxe Magalhães Dominguez um gomil e bacia de barba, de estanho, sendo curiosa de lavores a aza.

Cyrillo, um antigo pratives de Lisboa, tem ali uma rapida exposição da sua industria, e novos copos de Veneza, com uma espiral de vidro coalhado, teem tambem a sua historia de antiguidade e de despreso. Magalhães Dominguez, a tal respeito, conta-nos:

— Estiveram durante 80 annos fechados em caixotes, n'uma propriedade da Outra Banda... ninguem dava um ceitil por elles.

*

Subimos agora a escadaria; n'um dos lanços ostenta-se um espelho D. João V, e lá em cima, em curiosa disposição de antiga casa portugueza, visitámos um dos salões do primeiro andar.

UM QUARTO DE DORMIR

Aqui, o estylo nem sempre é uniforme, e, assim, parte da sala é ornamentada em puro Luiz XVI, e n'um dos desvãos surprehendemos um tremó dourado, Luiz XV, com o seu quadro em madeira. Ha ainda um precioso espelho em talha, Luiz XV, castiçaes Luiz XVI, serpentinas, uma travessa da India com as armas do Marquez do Louriçal, e um prato pertencente á antiga collecção do Barão de Mesquita, em cujo fundo se esmalta um complicado brazão.

Sobre uma commoda Luiz XV ha um magnifico quadro em cobre, da escola italiana, revelando um assumpto piedoso da historia sagrada. N'um dos recantos, um contador alto, de torcidos, em que repousam um *potish* de Vianna do Castello onde se desenham a azul as cinco chagas. Ao centro um relogio Imperio, lindo como motivo de decoração exacta.

Seria longo descrever com minucia todos os *bibelots* aqui e ali collocados: uma misula Luiz XVI, outros castiçaes cinzelados, e resaltando do fundo vermelho do *tapis* tres tapetes de Arrayolos, pondo uma mancha suave no estridente colorido, rubro.

Fronteira a esta, fica a sala de estudo, onde os filhos do nosso interlocutor, duas gentilissimas crianças, se entregam aos seus afazeres escolares. Aqui, a atmosphera tem um aspecto de recolhimento e de paz, a propria luz, entrando, ganha recatos, dir-se-hia que este bom sol de inverno hesita em abrir estridencias de côr e pôr em alvoroço as almas juvenis, que procuram, no trabalho, educar o espirito para a ardua labuta social. E' um recanto de paz, sobrio de decorações, em que predomina a symphonia do vermelho *foncé*: no papel que orna as paredes, no tapete, na colcha cahindo em recamos e pregas sobre o piano; — recolhimento e paz que esse interior confortavel suggere, pelos velhos paineis suspensos em canta symetria, por tudo o que aquelle lar nos diz, de felicidade, de amor e de pacificação.

Entre os retratos a oleo notam-se um amplo painel do D. Busto Villegas, «o bispo de Avila», de um colorido flagrante, e duas princezas da casa d'Austria.

Magalhães Dominguez mostra-nos uma gravura que é um primor de desenho e de trabalho de buril. A legenda refere:

«Nostradamus fils fait voir dans l'avenir à Marie de Medecis le throne des Bourbons qui lui est destiné.» Ransonette, son graveur.

Vimos ainda: uma gravura em cobre, copia de Salvator Rosa, assignada por El-rei D. Luiz, com a data: 1853, e uma outra de El-rei D. Fernando, assignado F. C — (Fernando Coburgo).

Mas, a mais curiosa collecção de recordações artisticas, aparte alguns valiosos quadros da escola flamenga, é uma serie de pequeninos *Diarios ecclesiasticos*, «para o reino de Portugal», alguns encadernados em marroquim verde, encarnado, branco, outros em velludo, bordados com lantejoulas, e que era a edição especial para os bispos.

N'uma das paginas d'esses pittorescos almanachs, «folhinhas», segundo a denominação da epoca — ha-as de 1775, 1717, etc. — lêmos esta passagem, que dá, n'um relance, o jornadear d'então:

«Dias em que chega e parte o correio de varias terras d'este Reino e dos Estrangeiros:

«Lisboa tem correio duas vezes por semana. O da Beira chega á sexta e parte ao domingo pela manhã. O do Alemtejo, Algarve e Andaluzia chega á segunda e parte á terça de tarde. Os de Madrid, França, Italia e terras do Norte chegam á sexta e partem á terça de tarde.»

Um dos minusculos volumes, em marroquim branco, traz o medalhão de D. João, o principe regente.

E, quando perguntámos a Magalhães Dominguez onde obtivera essa interessante collecção, diz-nos:

— Na feira da Ladra, pelos ferros-velhos. Ainda não ha muito comprei 40 volumes differentes por 15 réis cada. No colleccionador a paciencia é... a alma do negocio.

O privilegio d'esta publicação foi cedido por D. Maria I aos Padres da Congregação do Oratorio de Lisboa, conforme fôra decretado por D. João V. Quem as copiasse, ou mandasse vir de fóra, ou introduzisse internamente nos Prognosticos incorreria «na pena de 200 mil réis pela primeira vez, 400 mil réis na segunda, sendo ametade para o denunciante e a outra ametade para as despezas do Hospital real d'esta côrte.»

O QUARTO DE MARIA CONSTANÇA

No armario onde esta serie se exhibe vimos ainda varias joias antigas, uma magnifica miniatura da imperatriz Eugenia, alguns leques coloridos — Luiz XIII — e Imperio, simples, de uma sobriedade grata.

Um velho pergaminho: é uma Bula do Papa Alexandre VI — pae de Lucrecia Borgia — bula dada «em S. Pedro de Roma a 28 de julho de 1498, anno VI do seu

pontificado, em a qual o Papa, a instancias de João Gonçalves da Camara, capitão da Ilha da Madeira, manda que os visitadores das religiosas de Santa Clara do Funchal, d'aquella ilha, não entrem dentro do convento por rezão de visitar, sob pena de excommunhão, e que os confessores não entrem mais que por rezões de sacramentos.»

A CASA D'ESTUDO DOS FILHOS DO EX.^mo SR. MAGALHÃES DOMINGUEZ

Este pergaminho traz pendente um sello de chumbo, estando gravado n'um dos'lados o nome do Pontifice e no reverso as cabeças de S. Pedro e de S. Paulo. E evocamos o perfil moral de Alexandre VI que, segundo parece, não morreu envenenado, como a lenda apregôa, conforme as ironias acres de Voltaire.

D'esse Pontifice escreveu J. de Maistre: «Le bullaire de ce monstre est impeccable.»

Mas Magalhães Dominguez mostra-nos ainda um magnifico prato de Sevres, que outr'ora pertenceu ao convento de Santa Barbara, em Strasburgo, n'aquelle recanto florido da Alsacia-Lorena. Esse primor artistico foi pintado por Tandart e dourado por Teodore.

No primeiro andar ha ainda o quarto de cama do nosso interlocutor: cama D. João V, commoda da mesma epoca, um oratorio Luiz XV, cadeiras D. João V e alguns tapetes de Arrayolos. No oratorio existe um Christo crucificado, esculptura em madeira, que é uma obra de arte. A figura macerada do agonisante refere a resignada fé do que expira, e os seus olhos vitreos teem um derradeiro olhar de piedade e de perdão.

N'este quarto, o roda-pé narra uma commovente historia, inscripta nas figuras azulejadas. Historia convulsa da meia-edade, em que uma rainha, toda nua, vae ser queimada viva, por entre o riso hostil de uma legião irreverente.

No segundo andar estão os quartos de dormir das crianças. O de Maria Constança: uma cama de columnas, commoda Luiz XV e um tremó dourado; o de Antonio: cama D. João V, commoda Luiz XV, um buffete pequeno e um oratorio.

E' assim a habitação finamente artistica que visitámos.

UMA SALA LUIZ XVI

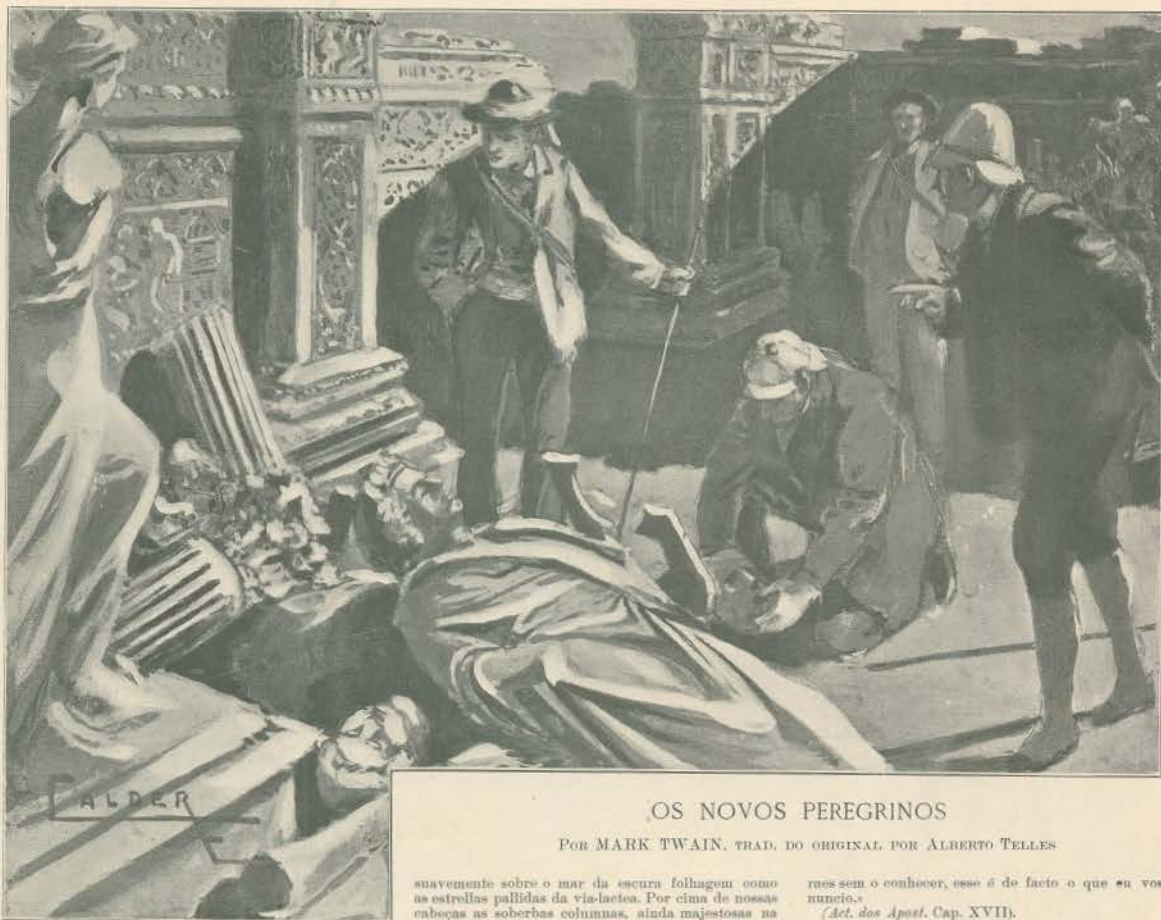
Novamente aqui reiteramos a Magalhães Dominguez o nosso agradecimento pelo seu gentil acolhimento.

SANTOS TAVARES.

UM ASPECTO DA ULTIMA FEIRA MENSAL DE GADO NO CAMPO GRANDE

SAGRAÇÃO DO EX.MO SR. D. JOSÉ DE MATTOS, ARCEBISPO DE MYTILENE, NA EGREJA DO SEMINARIO DE SANTAREM, EM 8 DE NOVEMBRO—O CORTEJO A CAMINHO DA CAPELLA-MÓR

NA FESTA DE SABBADO, 7 DE NOVEMBRO, NO SPORTING-CLUB DE CASCAES, PROMOVIDA PELA EX.^ma SR.^a DUQUEZA DE PALMELLA, A FAVOR DA ASSOCIAÇÃO DE CARIDADE PARA POBRES DOENTES

1.º — SCENA JAPONEZA — AS MUSMEES REPRESENTADAS PELAS EX.^mas SR.^as D. ALDA GUEDES (ALMEDINA) E D. ANNA PINHEIRO DE MELLO (JARDIM). — 2.º — A VOLTA DA BATALHA (SCENA MARROQUINA) EM QUE TOMARAM PARTE AS EX.^mas SR.^as D. THEREZA CALHEIROS (GUARDA) E OS EX.^mos SRS. MARQUEZ DE FAYAL, D. FERNANDO DE SERPA, LUIZ CRESPO, JAYME GILMAN, RAUL GILMAN, FILIPPE DE VILHENA, RAUL LINO E JORGE COLLAÇO. — 3.º — QUADRO BIBLICO — ELIEZER E REBECA, PELA EX.^ma SR.^a CONDESSA D'ARROSO E ANTONIO TEIXEIRA LOPES, AUXILIADOS NO CONJUNCTO PELAS EX.^mas SR.^as D. FRANCISCA D'ALMEIDA DA COSTA LIMA, D. ALDA GUEDES (ALMEDINA) E D. CHRISTINA CRESPO. — 4.º — IDYLIO, (SCENA DO QUADRO DE COSTUMES HESPANHOES).

OS NOVOS PEREGRINOS

Por MARK TWAIN, trad. do original por Alberto Telles

Que mundo de esculpturas em ruinas nos cercava! Em fila—empilhadas—espalhadas a eito sobre a vasta area da Acropole—havia centos de estatuas mutiladas, de todos os tamanhos e do mais perfeito acabamento; e numerosos troços de marmore que outr'ora pertenceram aos entablamentos cobertos de baixos relevos que representavam batalhas e cêrcos, navios de guerra com tres e quatro ordens de remos, sequitos e cortejos—tudo o que se pode imaginar. Diz a historia que os templos da Acropole estavam repletos das obras mais perfeitas de Praxiteles e de Phidias e de muitos outros grandes mestres—e não ha duvida que esses elegantes fragmentos o attestam.

Sahimos para o pateo arrelvado e juncado de pedaços que fica para além do Parthenon. De quando em quando estremeciamos ao ver um alvo rosto de pedra fitar-nos subitamente, de entre as hervas, com os seus olhos mortos. O logar dir-se-hia povoado de phantasmas. Afigurou-se-me quasi vêr os heroes de Athenas de ha vinte seculos deslizar das sombras e sumir-se no interior do velho templo, que elles tão bem conheciam e contemplavam com orgulho sem limites.

A lua cheia campeava agora no céo sem nuvens. Caminhando á sorte e á ventura fomos dar á aresta das altas ameias da cidadella, e olhâmos para baixo—uma visão! E que visão! Athenas ao luar! O poeta que cuidou que os esplendores da Nova Jerusalem lhe foram revelados, de certo foi isto que elle viu. Jazia na planura á direita sob os nossos pés—como um quadro tombado—e viamo-la como se fosse de um balão. Nada que se parecesse com uma rua, mas todas as casas, todas as janellas, todas as vinhas presas, toda a projecção, eram tão distinctas e pronunciadas como se fosse meio dia; e, comtudo, não havia nenhum clarão, nenhum vivo fulgor, nada cru e repellente—a muda cidade estava banhada na luz mais suave que jámais se escoou da lua, e fazia lembrar algum ser vivo envolvido n'um somno pacifico. No extremo da cidade via-se um pequeno templo, cujos delicados pilares e adornada frente resplendiam de tal modo que captivavam o olhar como um grito; e mais proximo o palacio do rei erguia os seus brancos muros do meio de um grande jardim de arbustos, que em toda a sua extensão se via cheio de uma profusão caprichosa de luzes de ambar—um estendal de pontos dourados, que desmaiavam no resplendor da lua, e scintillavam suavemente sobre o mar da escura folhagem como as estrellas pallidas da via-lactea. Por cima de nossas cabeças as soberbas columnas, ainda majestosas na sua ruina—aos pés a cidade adormecida—ao longe o mar argenteo. Nada faltava ao quadro. Era perfeito.

Na volta, quando novamente atravessámos o templo, quizera eu que os homens illustres, que n'elle se haviam sentado em tempos remotos, o pudessem visitar outra vez e patentear-se aos nossos olhos curiosos — Platão, Aristoteles, Demosthenes, Socrates, Phocio, Pythagoras, Euclides, Pindaro, Xenophonte, Herodoto, Praxiteles e Phidias, o pintor Zeuxis. Que constellação de nomes celebres! Porém, mais que todos, desejei que o velho Diogenes, tão cheio de paciencia, e ás apalpadellas, de lanterna na mão, buscando com tanto zelo um só homem honrado em todo o mundo, pudesse girar por alli e esbarrar comnosco. Não devo dizel-o, talvez, mas ainda supponho que elle apagaria a luz.

Deixámos o Parthenon de vigia á sua velha Athenas, como elle o fez por espaço de dois mil e trezentos annos, e fomos e demorámo-nos além das muralhas da cidade. A distancia, o antigo, mas ainda quasi perfeito, templo de Theseu, e junto d'elle, voltando ao occidente, o Bema, d'onde Demosthenes trovejou as suas philippicas e inflammou o patriotismo vacillante dos seus conterraneos. A' direita o monte de Marte, onde era na antiguidade o Areópago, e onde S. Paulo definiu a sua posição, e por baixo a praça do mercado, onde elle «disputava» todos os dias com os athenienses amantes da conversação. Trepámos os degraus de pedra que S. Paulo subiu, e estivemos no logar, em fórma de praça, em que elle esteve, e tentámos recordar-nos do que vem na Biblia a esse respeito — mas, por certas razões, não me acudiram as palavras. Encontrei-as depois:

Dizem assim:

«16 E, emquanto Paulo os esperava em Athenas, o seu espirito se sentia commovido em si mesmo, vendo a cidade toda entregue á idolatria.

«17 Disputava portanto na synagoga com os judeus e proselytos, e na praça todos os dias com aquelles que se achavam presentes.

«19 E, depois de pegarem n'elle, o levaram ao Areópago, dizendo: Podemos nós saber que nova doutrina é essa que prégas?

22 Paulo, pois, posto em pé no meio do Areópago, disse: Varões athenienses, em tudo e por tudo vos vejo um pouco excessivos no culto da vossa religião.

«23 Pois, indo passando e vendo os vossos simulacros, achei tambem um altar em que se achava esta lettra: Ao Deus Desconhecido. Pois aquelle Deus, que vós adoraes sem o conhecer, esse é de facto o que eu vos annuncio.»

(Act. dos Apost. Cap. XVII).

Occorreu-nos, passado um momento, que, se nos era preciso estar a bordo antes que a luz do dia nos atraiçoasse, o melhor era irmos andando. Por isso nos apressámos. Já muito longe, relanceámos um olhar de despedida ao Parthenon, com a lua derramando a sua claridade sobre suas columnatas abertas e prateando os seus capiteis. Nunca mais esqueceremos o aspecto que elle offerecia então, solemne, grandioso e bello.

Ao passo que seguiamos o nosso caminho, principiámos a perder o medo, e deixámos de pensar muito em guardas de quarentena ou em qualquer outra cousa. Tornámo-nos atrevidos e desinquietos; e, de uma vez, n'um assomo repentino de coragem, até atirei com uma pedra a um cão. Fiquei, porém, satisfeito de não lhe ter acertado, porque bem podia o dono ser da policia. Animado por esse motivo, o meu valor tornou-se indomito, e por vezes assobiei positivamente, embora em tom moderado. Mas a ousadia gera a ousadia, e dentro em pouco me embrenhei n'uma vinha, em pleno luar, e colhi uma porção de bellas uvas, sem se me dar da presença de um camponez que por ali andava montado n'uma mula. Dionysio e Birch seguiram o meu exemplo. As uvas que eu tinha chegavam bem para doze pessoas, mas, como Jackson então se sentiu tomado de coragem, penetrou logo n'uma vinha. Metteu-nos em trabalhos o primeiro cacho que elle apanhou. Porque um bandido, carrancudo e barbado, surgiu na estrada com um tiro e a florear uma espingarda á luz da lua! Desviámo-nos para o lado do Pireu—não a correr, bem entendido, mas só avançando com rapidez. O bandido disparou outro tiro, e nós sempre avançando. Ia-se fazendo tarde, e não tinhamos tempo para conversar com extranhos. Logo Dionysio disse:—Estes homens seguem-nos!

Voltámo-nos, e, com toda a certeza, lá estavam elles—tres salteadores phantasticos armados de espingardas. Afrouxámos o passo para os deixar approximar, e entretanto deitei fóra a minha carga de uvas e escondi-as bem, mas com difficuldade, na sombra, á beira da estrada. Comtudo, eu não tinha medo. Sentia apenas que não era bem feito furtar uvas. Tanto mais que o dono estava alli perto—e não só perto, mas com os seus amigos tambem em torno de si. Os homens alcançaram-nos e passaram revista a um embrulho que o dr. Birch levava na mão, e franziram o sobr'olho quando reconheceram que o embrulho não continha mais que sagradas pedras do monte de Marte, que não eram contrabando. E' evidente

que suspeitaram de que elle praticava com elles uma baixa fraude e pareciam meio inclinados a tirar-nos a pelle. Mas, por fim, mandaram-nos embora com um aviso formulado em excellente grego, creio eu, e deixaram-nos tranquillamente seguir o nosso caminho. Teriam andado umas trezentas jardas, quando pararam, e nós continuámos alegres o nosso caminho. Eis senão quando outro reptil armado nos sae da sombra, toma o logar de elles, e segue-nos umas duzentas jardas. Passou-nos depois a outro patife, que emergiu de um logar mysterioso, e esse, por sua vez, nos entregou a outro! Por espaço de milha e meia a nossa retaguarda foi guardada todo o caminho por homens armados. Nunca na minha vida tinha viajado com tamanho estado.

Passámos um bom bocado d'ahi por deante até nos aventurarmos a furtar mais uvas, e quando tal faziamos, despertavamos outro incommodo bandido, e por esse motivo puzemos isso de parte. Supponho que o camponez que ia montado na sua mula postára todas as sentinellas de Athenas ao Pireu em torno de nós.

N'essa comprida estrada cada campo tinha um guarda de vigia, e alguns tinham, sem duvida, adormecido, sem, todavia, deixarem de estar promptos á primeira voz. Isto mostra que especie de terra é a moderna Attica — uma communidade de caracteres duvidosos. Não estavam alli esses homens para defender as suas terras de extranhos, sim uns dos outros; porque extrangeiros raras vezes visitam Athenas e o Pireu, e, quando o fazem, é de dia, e podem comprar as uvas que quizerem por uma bagatella. Os modernos são rapinantes e falsificadores de grande reputação, se a fama é verdadeira, e piamente creio que o é.

Quando os primeiros rubores do amanhecer tingiram o oriente, e converteram o Parthenon com as suas columnas n'uma harpa quebrada suspensa do horisonte côr de perola, fizemos a nossa decima terceira milha de cançada marcha circular, e desembocámos na praia em frente dos navios com a nossa escolta ordinaria de mil e quinhentos cães do Pireu a ladrar-nos aos calcanhares. Gritámos a um bote que estava a duzentas ou trezentas jardas da praia, e percebemos n'um instante que era um escaler da saúde, que estava de guarda aos navios de quarentena, para o caso de impedirem que alguem de bordo tentasse sahir. Safámo-nos, por consequencia—já estavamos acostumados a fazel-o—e, quando os guardas chegaram ao logar onde nós haviamos estado, já eramos ausentes. Seguiram pela praia fóra, mas em direcção errada, e dentro em breve appareceu-nos o nosso escaler, que nos levou para bordo. No navio tinham ouvido o signal que fizemos. E por alli adeante fomos remando sem fazer bulha, e antes que a policia do porto nos enxergasse estavamos mais uma vez a salvamento a bordo.

Mais quatro dos nossos passageiros estavam anciosos por visitar Athenas, e largaram do navio meia hora depois da nossa chegada; mas não chegaram a estar cinco minutos em terra sem que a policia do porto os lobrigasse e os perseguisse tão fortemente que elles com difficuldade saltaram no seu bote, e com isso terminou a aventura.

II

A Grecia moderna.—Grandeza cahida.—Navegando pelo Archipelago e os Dardanellos.—Pegadas da historia.—Fundeados defronte de Constantinopla.—Trajos forasteiros.—O engenhoso guardador de patos.—Aleijados assombrosos.—A grande mesquita.—As mil e uma columnas.—O grande bazar de Stambul.

Em toda a extensão que percorremos atravez das ilhas do archipelago grego não vimos senão costas fastidiosas e montes estereis, algumas vezes coroados por tres ou quatro columnas elegantes de algum templo antigo, solitario e deserto—symbolo apropriado da assolação que alastrou por toda a Grecia n'estes ultimos seculos. Os campos que se viam não estavam arados, aldeias poucas, arvores, relva ou vegetação de qualquer especie, muito raras, e rarissimo lobrigar uma casa separada. A Grecia é um triste e sombrio deserto, apparentemente sem agricultura, fabricas ou commercio. O que sustenta o seu povo ou o seu governo, cheios de pobreza, é um mysterio.

Supponho que a Grecia antiga e a moderna comparadas apresentam o contraste mais extravagante que se pode encontrar na historia. Jorge I, rapaz de dezoito annos e producto das chancellarias extrangeiras, assenta-se nos logares de Themistocles, de Pericles e dos illustres sabios e generaes dos aureos tempos da Grecia. As armadas que eram o assombro do mundo, quando o Parthenon era novo, agora não são mais que uma reunião de barcos de pesca, e o povo varonil que obrou tantos prodigios de valor em Marathona é apenas hoje uma tribu de reles escravos. Seccou o classico Illysso, e o mesmo tem succedido a todas as fontes de riqueza e de grandeza da Grecia. A nação conta apenas oitocentas mil almas e ha pobreza, miseria e mendicidade que chega para outros tantos milhões, e ainda ha de sobejar. No tempo do rei Othão a receita do estado era de cinco milhões de dollars—cobrada do imposto da *decima* de todos os productos da cultura da terra (decima que o agricultor tinha de levar aos celleiros reaes em bestas de carga a qualquer distancia não excedente a seis leguas) e de impostos extravagantes sobre o trafego e o commercio. Com esses cinco milhões o tyrannete tratou de manter um exercito de dez mil homens, de pagar os salarios de centos de inuteis escudeiros, creados de quarto, ministros da fazenda arruinados, e outros absurdos, a que são inclinados esses reinos em miniatura, para imitarem as grandes monarchias; e, além d'isso, deu-lhe para edificar um palacio de marmore branco, que importaria em cêrca de cinco milhões. O resultado foi simplesmente: tres vezes nove vinte e sete, noves fóra nada. Tudo isso não podia fazer-se com cinco milhões, e Othão viu-se em difficuldades.

O throno da Grecia, com os seus nada promettedores accessorios de uma população esfarrapada de habilidosos maraus desempregados oito mezes no anno, pois que pouco havia para elles tomarem de emprestimo, e menos ainda para confiscarem, e uma amplidão de montes estereis e de desertos cobertos de hervas parasitas, esmolou durante um certo tempo. Foi offerecido a um dos filhos da rainha Victoria e depois a varios outros rebentos mais novos da realeza, que não tinham thronos e estavam disponiveis, mas todos tiveram a caridade de declinar a triste honraria, e bastante veneração pela antiga grandeza da Grecia para se negarem a zombar dos seus mesquinhos andrajos e immundicie com um throno fingido n'estes dias da sua humilhação—até que foram dar com este moço dinamarquez Jorge, e elle lançou-lhe a mão. Foi quem acabou o esplendido palacio que eu vi ao irradiante luar da outra noite, e, segundo se diz, está fazendo muitas outras cousas para a salvação da Grecia.

Atravessámos o arido archipelago e o estreito canal algumas vezes denominado os Dardanellos, e outras o Hellesponto. Esta parte do paiz é rica de reminiscencias historicas, e pobre como o Sahará em tudo o mais. Por exemplo, quando nos approximavamos dos Dardanellos, costeámos as planicies de Troia e passámos além da foz do Scamandro; vimos onde fôra Troia e onde agora já não é—uma cidade que morreu quando o mundo era novo. Os miseros troianos são todos mortos agora. Tinham nascido muito tarde para verem a arca de Noé, e finaram-se cedo para verem a nossa *ménagerie*. Vimos onde se encontraram as esquadras de Agamemnon, e lá ao longe, para o interior, uma montanha que o mappa dizia ser o Monte Ida. No Hellesponto vimos o sitio que Leandro e lord Byron passaram a nado, o primeiro para ver aquella em quem as affeições da sua alma estavam fixadas com uma dedicação que só a morte podia alterar, e o segundo por mera jactancia, como diz Jack. Proximo de nós havia tambem dois tumulos celebres. N'uma praia Ajax dormia o derradeiro somno, e Hecuba na outra.

De um e de outro lado do Hellesponto, á flôr da agua, vimos baterias e fortes, em que fluctuava a bandeira da Turquia, com o seu alvo crescente, uma vez por outra uma aldeia, e algumas vezes uma caravana; tudo isso tivemos para espairecer os olhos até entrarmos no amplo mar de Marmara, e, quando pouco depois a terra se nos sumiu da vista, tornámos mais uma vez ao whist.

Lançámos ferro á entrada do Corno de Ouro, sendo já manhã clara. Só tres ou quatro estavamos a pé para vêr a grande capital ottomana. Os passageiros não se levantam a horas incommodas, como costumavam d'antes, para colherem o mais cedo possivel o panorama de notaveis cidades extrangeiras. Acabaram com isso. Hoje em dia, se acaso estivessemos á vista das pyramides do Egypto, não haja medo que elles viessem para o convez senão depois do almoço.

O Corno de Ouro é um estreito braço de mar, ramificação do Bosphoro (especie de rio largo em que se reunem o Mar de Marmara e o Mar Negro), que, fazendo uma curva, divide a cidade ao meio. Galata e Pera estão de um lado do Bosphoro com o Corno de Ouro; Stambul (a antiga Byzancio) está do outro lado. Na outra margem do Bosphoro ficam Scutari e outros arrabaldes de Constantinopla. Contém esta grande cidade um milhão de habitantes, mas são tão estreitas as suas ruas, tão condensadas as suas casas, que não occupa muito maior espaço que metade do terreno em que assenta a cidade de Nova York. Vista do ancoradouro ou á distancia de uma milha, pouco mais ou menos, no Bosphoro, é seguramente a cidade mais formosa que temos visto. A sua densa espessura de habitações surge do lume de agua e cobre a lombada de muitos montes; e os jardins que nos espreitam aqui e alli, as grandes espheras das mesquitas e os minaretes sem conto, que saltam aos olhos por toda a parte, dão á metropole o formoso aspecto oriental com que sonhamos quando lemos os livros de viagens no Oriente. Constantinopla fórma um bello quadro.

FOLHETIM N.º 2 *(Continúa).*

MONSENHOR BOVIERI
encarregado dos negocios de S. S. em Lisboa

O CONTRA-ALMIRANTE IVO FERREIRA
Fallecido em 8 de novembro

SUA EMINENCIA O CARDEAL AIUTI
ex-nuncio apostolico em Lisboa

CHRONICA ELEGANTE

FIGURA 1

Dizem que o inverno é a estação dos ricos, e de facto não ha época de anno que melhor se preste á exhibição dos tecidos opulentos para *toilettes* de noite, das rendas vaporosas e das deslumbrantes joias que as adornam.

Durante as horas da tarde, nos passeios elegantes, os rostos gentis, os bustos graciosos passam emmoldurados e envoltos nas mais preciosas *fourrures* e reclinados nos valiosos estofos das magnificas equipagens.

A moda, sempre caprichosa, lembra-se de vez em quando de dar fóros de elegancia a alguma pelle de valor secundario, como o anno passado ao *petit-gris* e este anno á toupeira, que é hoje a *fourrure* em evidencia, e que só se recommenda pela grande quantidade de animaes que são sacrificados para a confecção de qualquer objecto; calcula-se para uma *jaquette* 250 pelles!

Actualmente é da maior elegancia reunir duas qualidades de pelles, servindo uma de guarnição. As blusas de lontra ou marta teem gola, estola e punhos de arminho ou chinchilla. A gravata estreita, feita de pelle clara e forrada de outra em escuro, é tambem novidade; porém, para estar no tom, não deve ser abotoada nem acolchetada, mas simplesmente *atada* com um nó.

FIGURA 2

A *fourrure* emprega-se nas *toilettes* de manhã, de tarde, de passeio, de visitas, de noute e mesmo alliada aos vestidos finos de baile, formando um delicioso conjuncto com as rendas, joias e flores.

Os *manteaux* de dia e de noite forram-se inteiramente de pelles; para os ultimos emprega-se o arminho, que é a *fourrure* verdadeiramente real; offerece esta pelle uma particularidade curiosa: morto o arminho no verão, o pello é um tanto amarellado e levemente rosado, e no inverno é de um branco purissimo.

Apezar de todos os caprichos e decretos da moda, as pelles de marta, raposa, lontra, breichwantz chinchilla, arminho, etc., são sempre consideradas como da maior opulencia e occupam o logar de honra nas *toilettes* das milionarias.

Uma pelle de *renard argenté*, convenientemente preparada para *boa*, custa em Paris 2:000 francos, e esta não é ainda considerada como a mais rica *fourrure*.

E, francamente, se pensarmos bem nas inclemencias, nos perigos e nos soffrimentos de toda a especie supportados pelos caçadores das longinquas regiões em que esses animaes são apanhados, no sem numero de mãos por que passam as pelles antes de chegarem a constituir opulentos adornos, não nos admiraremos decerto dos preços fabulosos que ellas attingem!

FIGURA 3

FIG. 1. — Toilette *d'après midi* em panno cinzento arrendado e bordado com a saia orlada de duas tiras de marta.

FIG. 2. — Estola e regalo em marta.

FIG. 3. — Manteau para a noute em panno branco bordado a ouro e ornado de chinchilla.

A LANCHA «COLUMBIA II», NA QUAL O CAPITÃO LUDWIG EISSUBRAUN FEZ A TRAVESSIA DE HALIFAX (AMERICA) AO FUNCHAL

RAUL PEREIRA
Violinista portuguez recentemente admittido por concurso na Escola Imperial Superior de Musica de Berlim